



# Ojejapo Tekoarã

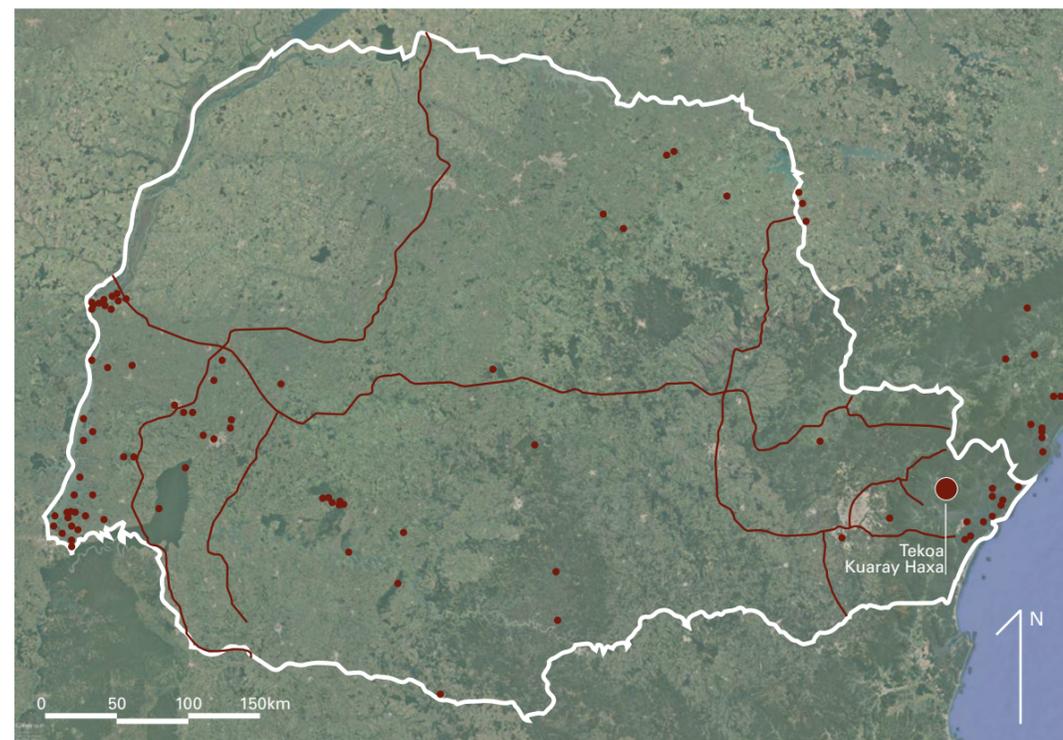
etnomapeamento da  
tekoa Kuaray Haxa,  
litoral do Paraná

# Ojejapo Tekoarã

etnomapeamento da  
tekoa Kuaray Haxa,  
litoral do Paraná



**Imagem 01.** Registro histórico da ocupação Guarani no Vale do Ribeira e adjacências (1800-2015)



**Imagem 02.** Mapa dos caminhos de Peabiru sobreposto à atual localização das aldeias guarani, segundo Maack

## Kuaray Haxa sobre o lugar e sua caracterização

O presente trabalho é fruto de um mapeamento participativo com os membros da comunidade **tekoa** Kuaray Haxa, descrevendo a partir de seus conhecimentos e memórias aspectos de relevância ambiental, sociocultural e produtiva sobre a área em que vivem. Dessa forma, compõe-se uma trama de relações entre o espaço e seus usos compartilhados com os demais seres da fauna e da flora que habitam essa mesma região. Também são destacados os modos com os quais a comunidade busca mediar os distintos interesses oriundos do mundo não indígena sobre seu território e os esforços para preservá-lo.

Um dos aspectos da formação e da localização da **tekoa** Kuaray Haxa, cuja tradução aproximada poderia ser “a passagem do Sol”, é sua caracterização como um local intermediário no caminho entre as aldeias do complexo lagunar-estuarino de Paranaguá e aquelas do planalto paranaense, assim como também compõe o trajeto que liga as aldeias do Paraná às localizadas no Vale do Ribeira, em São Paulo. Tal relação não se dá apenas com os caminhos que existem no presente, mas também com aqueles que fazem referência ao passado. Essa aldeia, localizada na atual divisa dos municípios de Antonina e Guaraqueçaba, fica próxima de ramais importantes da antiga rede de trilhas utilizada há centenas de anos pelos Guarani e que liga a costa atlântica ao interior do continente, chegando até a cordilheira dos Andes: os famosos caminhos de Peabiru que, entre outras coisas, demonstram a perene e intensa dinâmica territorial dos Guarani em meio a essa região, repleta de informações sobre antigas aldeias (**Imagens 1 e 2**).

quando viemos aqui minha avó veio ainda. Aí que ela tava contando que ali em Morrete tinha uma aldeia[...] Tinha uma estrada que atravessava pra São Paulo, que era essa aqui, que até agora ainda tem lá em Iguape, que passa por lá, por Cananeia. E minha avó se lembrava disso, que realmente antigamente passavam por aqui. Elza Jaxuka

Conforme contam Rivelino Vera Popygua, cacique da aldeia, e sua mulher Elza Jaxuka, **Kuaray Haxa** é um lugar composto por diversos caminhos, trajetórias que se entrecruzam, como a de sua própria família. Vindos do interior do Paraná, refizeram no sentido contrário o percurso da geração de seus avós, que pressionados



**Imagem 03.** Atividade com mapas do território da **tekoa** Kuaray Haxa, realizada com os membros da comunidade



**Imagem 04.** Elza Jaxuka e sua filha Para Mirim



**Imagem 05.** O cacique Rivelino Vera Popygua

por diversos fatores, afastaram-se do litoral e rumaram ao interior do Estado, de onde Vera e Jaxuka futuramente retornariam com seus filhos para as matas litorâneas.

**e a gente veio pra cá [...] e chegou nesse lugar aqui e era tudo mata. E as crianças que estavam com a gente já ficaram todas felizes. A gente chegou e fez um foguinho bem aqui, debaixo dessa goiabeira que tem ali. E a gente dormiu tudo aqui, era só mata. Elza Jaxuka**

Os caminhos que perpassam a aldeia não aparecem somente nos relatos dos mais velhos, mas também nos sonhos e nos rituais por meio dos quais os Guarani se comunicam com suas divindades, os Nhanderu Kuery, que guiam os Guarani, revelando os lugares já habitados pelos antigos.

**daí naquela noite [em que chegamos] eu sonhei que tinha uma família de índios que moravam aqui [...] E eles falaram pra mim: “Agora é a vez de vocês cuidarem daqui. A gente vai se retirar, mas vocês vão ficar aqui”. Elza Jaxuka**

Contudo, a relação com os demais seres que guardam determinadas áreas não se constitui apenas como guia e proteção. Uma história considerada marcante pela família de Vera e Jaxuka em sua vida na **tekoa** Kuaray Haxa foi o período em que um dos filhos resistiu sozinho durante três dias na mata fechada. Separado do grupo de parentes que o acompanhavam e já muito distante da aldeia, o jovem, à época com quinze anos, perdeu a referência das trilhas mais próximas e teve que dormir três noites na mata até conseguir realizar a caminhada que o levou a uma área habitada, próxima ao povoado de Guaraqueçaba, a cerca de 30 quilômetros da aldeia.

Conforme conta Elza Jaxuka, tais situações são vividas pelos Guarani como um ritual de “provação”, em que alguns seres que zelam por determinadas localidades testam a relação dos Guarani com os lugares e sua determinação em viver na região. Certa de que os Nhanderu Kuery haviam revelado tal área para eles viverem e de que, portanto, protegeriam seu filho, Jaxuka avalia que todos saíram fortalecidos do episódio, com mais segurança sobre a tenacidade dos laços que os ligam à região da **tekoa** Kuaray Haxa.

**porque a mata quis fazer uma prova pra gente pra ver se a gente não ia desistir, não ia ficar falando mal do mato porque aconteceu aquilo. Mas não, a gente ficou mais forte. Isso nos fortaleceu mais ainda. E o meu piá veio bem, porque ele também é muito interessado na cultura dele, ele não perde a cultura dele. Elza Jaxuka**

Durante o processo de etnomapeamento, realizamos diversas caminhadas com os Guarani na **tekoa** Kuaray Haxa. Entre elas, percorremos o núcleo habitacional da aldeia, com suas quatro casas, a **opy** (casa de rezas, ponto **01**) e as roças familiares (**mapa 1**).

A primeira casa, em que moram o cacique e sua família (ponto **03**), e o pátio compartilhado com a **opy** funcionam como centro da aldeia e primeiro espaço para a recepção dos visitantes. Em direção a uma baixada, está a roça comunitária (ponto **02**, **Imagem 8**). Em seguida, continuando o caminho que vem da estrada e passa pela primeira casa, estão mais três pequenas habitações, onde vivem parentes do casal à frente da aldeia (pontos **04** **07** **08**) formando as quatro famílias e aproximadamente 27 pessoas, que vivem atualmente na **tekoa** Kuaray Haxa.

Nas proximidades da segunda casa, é importante destacar a presença de um curso d’água cuja nascente à montante abastece a aldeia por meio de um sistema de captação e filtragem de água construído artesanalmente graças a uma parceria entre a comunidade e estudantes da UFPR (**Imagem 7**). A última casa possui uma roça bem desenvolvida e variada em seu pátio (**Imagem 09**).

A área das casas constitui assim um único e coeso núcleo habitacional, distinguindo de modo claro a área de habitação permanente do grupo, formada pelas casas e roças de pátio, e as áreas de uso, compostas pelas matas e rios (**ka’aguy** e **yakã**). Não foi possível identificar todas as áreas de uso neste etnomapeamento, apenas aquelas pelas quais passamos por meio de poucas e curtas caminhadas guiadas pelos Guarani. Tais áreas se expandem por um raio de aproximadamente oito quilômetros a partir do centro da aldeia, e são frequentemente visitadas pelos Guarani em excursões que podem durar alguns poucos dias.

Durante uma das caminhadas realizadas no etnomapeamento para identificar as áreas de uso, adentramos em trilha pela mata por cerca de 5 quilômetros sentido sul, descendo a cadeia montanhosa ao lado da aldeia rumo à área de baixada (**mapa 2**). Também realizamos caminhadas margeando a principal estrada da



**Imagem 06.** Casa do cacique Rivelino Vera e de sua família (ponto **03**)



**Imagem 07.** Sistema de captação e filtragem de água da **tekoa** Kuaray Haxa



**Imagem 08.** Jety (batata-doce) da roça comunitária da **tekoa** Kuaray Haxa (ponto **02**)



**Imagem 09.** Roça presente no exterior da casa 4 da **tekoa** Kuaray Haxa (ponto **08**)

região, que atravessa a Reserva Biológica Bom Jesus, de gestão do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e onde a **tekoa** Kuaray Haxa e as áreas de uso dos Guarani estão sobrepostas (**mapa 3**).

Um aspecto que ficou claro analisando os dados das diferentes caminhadas é o contraste entre os usos guarani do espaço e aqueles associados aos não indígenas, que os Guarani chamam de **jurua**. Durante a caminhada mata a dentro (**mapa 2**), os Guarani identificaram uma grande variedade de espécies da fauna e da flora, assim como os aspectos geográficos e os usos presentes e futuros que podem desenvolver em uma vasta área, demonstrando o conhecimento e o cuidado que têm para com o lugar. O verbo “ter” em guarani, **-reko**, é sobretudo mobilizado com os sentidos de “viver” e “cuidar”. Assim, “ter algo ou um lugar” para os Guarani é menos possuí-lo do que “viver cuidando” dele.

Não foi possível encontrar mata adentro vestígios de um uso impactante do espaço pelos Guarani. Do mesmo modo como as marcas deixadas pela fauna local, há apenas rastros efêmeros de seus caminhos e trilhas, que olhares distraídos simplesmente não perceberiam em meio à paisagem. E, mesmo nessa paisagem, os Guarani reconhecem as diferentes causas e estágios do processo de sucessão florestal, assim como vestígios remotos de manejo, identificando áreas que receberam atividades produtivas ou mesmo distinguindo clareiras formadas pela incidência de raios, acontecimento de grande importância cosmológica para eles (ponto **11**).

Os únicos resíduos duradouros que encontramos em meio à mata são restos já antigos de jiraus de espera amarrados com plástico e feitos por caçadores não indígenas (ponto **29**), que desde que foi consolidada a presença guarani, cujo **nhandereko** (modo de ser) “cuida” da mata, não mais perambulam por ali.

**quando eu cheguei [na região] eu me deparei com uns caçadores. Mas eu entrei ali e disse “oh, eu tô aqui, ocupando esse território. Não, não entra mais aqui, se não vocês vão prejudicar a gente, que a gente tá aqui pra cuidar. Nós queremos criar nossos filhos mostrando que bicho que tem na floresta”. Até conversei com os vizinhos e eles entenderam isso. Então hoje nós fizemos uma caminhada e não tem mais vestígio**

**de jurua kuery, de caçador. Então eu fico feliz com isso. Eu fico feliz que jurua kuery entendeu, que pelo menos onde eu ocupo esse território eles não entram mais. Rivelino Vera Popygua**

Segundo os Guarani da **tekoa** Kuaray Haxa, atualmente, a principal forma de relação dos não indígenas com a região da aldeia se dá por meio da instalação de “placas”, ao invés de se dar diretamente pela sua presença física. Na caminhada pela mata, o único vestígio de um uso permanente da região por não indígenas, fora os antigos sinais de caçadores e palmeiros cujas ações hoje são coibidas pelos Guarani, foi uma placa (ponto **33**) que avisa o início da fazenda que tem como atividade produtiva uma monocultura de bananas. O impacto profundo no espaço produzido por essa atividade, ao contrário daquelas dos Guarani, é facilmente identificado, inclusive por imagens de satélite.

Já na caminhada pela estrada que corta a região, as placas são várias, mas repetidas: apenas informam sobre a existência da Reserva Biológica Bom Jesus (pontos **38 42 44**) e, conforme reflete Vera Popygua, contrastam significativamente em sua limitada capacidade de cuidado e proteção com a efetiva presença guarani nas matas da região:

**um pouquinho Nhanderu colocou na cabeça dos jurua para eles protegerem aquela área. Mas só que eles não entendem que tem mais pessoas que querem ajudar a proteger, que são indígenas [...] eles ainda pensam que é placa que vai cuidar. Pensam que é marco de concreto lá no canto que vai cuidar. Não! A floresta precisa de ser humano também lá dentro pra cuidar, que somos nós indígenas. [...] A demarcação de terra que nós estamos pedindo não é pra demarcar pra dizer que é do indígena. Os animais que estão ali que precisam que seja demarcado, para viver ali com nós. Não com placa. Rivelino Vera Popygua**

Apesar das práticas de monitoramento e preservação ecológica levadas a cabo pelos Guarani e registradas nesse etnomapeamento, e das preocupações demonstradas por Vera Popygua em suas



**Imagem 10.** Placa do ICMBio na estrada de terra que liga Antonina a Guaraqueçaba (ponto **42**)

falas, a atual gestão da Reserva Biológica Bom Jesus ainda não reconhece os benefícios que uma cooperação com a comunidade guarani da **tekoa** Kuaray Haxa pode gerar para a conservação ambiental da reserva, e tem se manifestado a favor de uma restrição do acesso e da permanência da comunidade na região em vive atualmente. Trata-se de uma posição que, segundo Vera Popygua, ignora os efeitos positivos que a presença guarani já possibilita para a preservação ecológica, e não admite as limitações técnicas de monitoramento da própria gestão da Reserva, que não dá conta de um área tão grande. Segundo os Guarani, o melhor caminho é a cooperação.

**Imagem 11.** Ponto de pesca localizado na principal trilha da **tekoa** Kuaray Haxa



# Mapa 1

## Área de habitação permanente da tekoa Kuaray Haxa

- uso e referências do território
- fauna
- flora

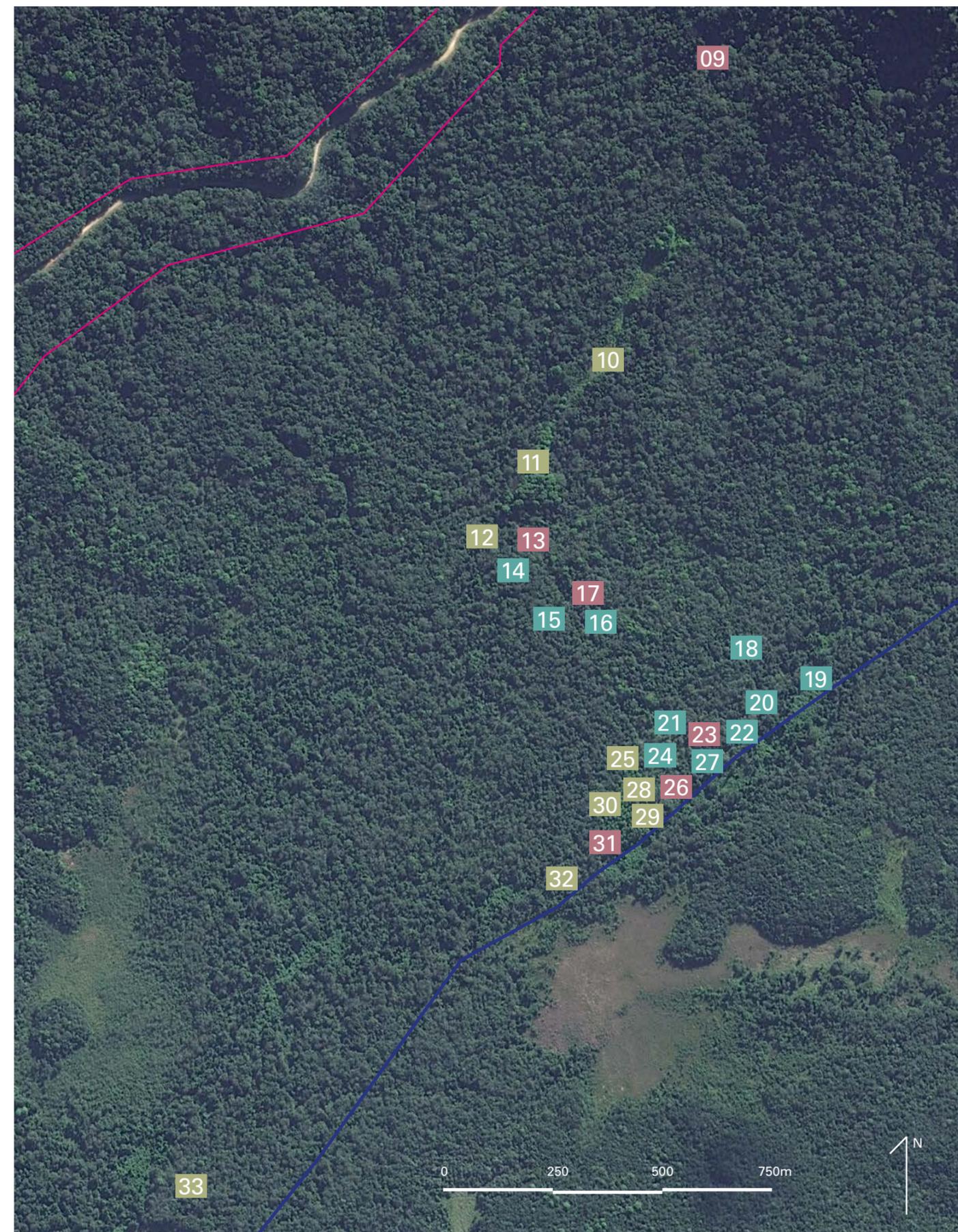
- 01 Opy (casa de reza)
- 02 Roça comunitária de milho, mandioca, amendoim e batata-doce
- 03 Casa 1 Rivelino e família
- 04 Casa 2 Silvano, irmão do Rivelino, e família
- 05 Área para futura atividade de piscicultura
- 06 Captação e filtro de água da aldeia
- 07 Casa 3 Valdemir e Eliane, filha de Rivelino
- 08 Casa 4 Zezinho e Anacir (pais de Valdemir), com roça familiar do lado externo



# Mapa 2

## Principal trilha da tekoa Kuaray Haxa

- |    |   |    |   |
|----|---|----|---|
| 09 | Guaxu rape (trilha de veado)  | 21 | Cipó d'água ( <i>Doliodarpus Pubens</i> )               |
| 10 | Área de Capoeira  | 22 | Árvores frutíferas                                      |
| 11 | Clareira formada pela incidência de raio                                | 23 | Ninho de Xi'y (Quati)                                   |
| 12 | Rio do Quati  | 24 | Pitangueiras  |
| 13 | Rastro de Xivi (onça) e marcas de tronco arranhado                      | 25 | Área ideal para futuras casas e roças                   |
| 14 | Árvore Kurupika'y (Leitero - <i>Sapium glandulosum</i> )                | 26 | Jatei Ete (Jatai - <i>Tetragonisca angustula</i> )      |
| 15 | Tembe tary amarela (Mamica de Porca-<br><i>Zanthoxylum rhoifolium</i> ) | 27 | Pupunhal  |
| 16 | Jejy (Jussara)  | 28 | Ponto de pesca  |
| 17 | Trilha de Xinguire (Tatu)   | 29 | Vestígio de antiga presença de caçadores não indígenas  |
| 18 | Cipó d'água ( <i>Doliodarpus Pubens</i> )                               | 30 | Ponto de pesca  |
| 19 | Pássaro Surucuá ( <i>Trogon viridis</i> )                               | 31 | Área pantanosa com jacarés                              |
| 20 | Banana-prata  | 32 | Ponto de pesca  |
|    |   | 33 | Placa marcando início de fazenda monocultivo de bananas |
- uso e referências do território  
fauna  
flora
- rios  
limite da Reserva Biológica Bom Jesus

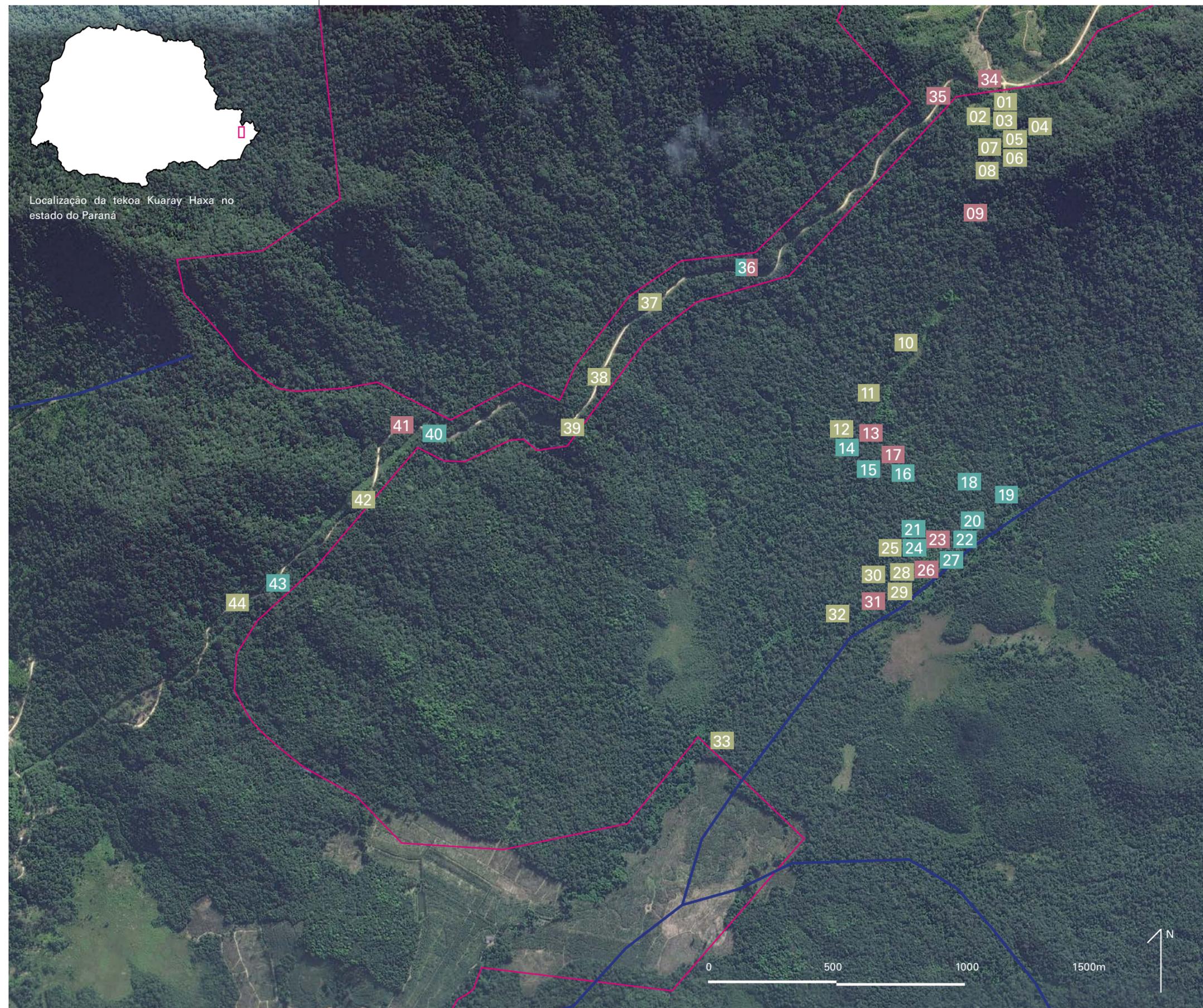


# Mapa 3

## Território mapeado pelos guarani da tekoa Kuaray Haxa

- uso e referências do território
- fauna
- flora
- rios
- limite da Reserva Biológica Bom Jesus

- 01 Opy (casa de reza)
- 02 Roça comunitária de milho, mandioca, amendoim e batata-doce
- 03 Casa 1 Rivelino e família
- 04 Casa 2 Silvano, irmão do Rivelino, e família
- 05 Área para futura atividade de piscicultura
- 06 Captação e filtro de água da aldeia
- 07 Casa 3 Valdemir e Eliane, filha de Rivelino
- 08 Casa 4 Zezinho e Anacir (pais de Valdemir), com roça familiar do lado externo
- 09 Guaxu rape (trilha de veado)
- 10 Área de Capoeira
- 11 Clareira formada pela incidência de raio
- 12 Rio do Quati
- 13 Rastro de Xivi (onça) e marcas de tronco arranhado
- 14 Árvore Kurupika'y (Leitero - *Sapium glandulosum*)
- 15 Tembe tary amarela (Mamica de Porca - *Zanthoxylum rhoifolium*)
- 16 Jeju (Jussara)
- 17 Trilha de Xinguire (Tatu)
- 18 Cipó d'água (*Dolioscarpus Pubens*)
- 19 Pássaro Surucuá (*Trogon viridis*)
- 20 Banana-prata
- 21 Cipó d'água (*Dolioscarpus Pubens*)
- 22 Árvores frutíferas
- 23 Ninho de Xi'y (Quati)
- 24 Pitangueiras
- 25 Área ideal para futuras casas e roças
- 26 Jatei Ete (Jataí - *Tetragonisca angustula*)
- 27 Pupunhal
- 28 Ponto de pesca
- 29 Vestígio de antiga presença de caçadores não indígenas
- 30 Ponto de pesca
- 31 Área pantanosa com jacarés
- 32 Ponto de pesca
- 33 Placa marcando início de fazenda monocultivo de bananas
- 34 Trilha de Mboré (Anta)
- 35 Taguato pyju (Falcão-Caburé - *Micrastur ruficollis*)
- 36 Jaku Guaxu (Penelope obscura) Aratikum Miri (*Annona emarginata*)
- 37 Antiga trilha de palmeiros
- 38 Placa do ICMBio
- 39 Pindo (Jerivá - *Syagrus romanzoffiana*) e Yvata'y (Camboatá Branco - *Matayba elaeagnoides*)
- 40 Teju Ka'a (*Polygala paniculata*)
- 41 Aka'é (Gralha Azul - *Cyanocorax caeruleus*)
- 42 Placa do ICMBio e entrada de trilha para o bananal
- 43 Yvata'y (Camboatá branco - *Matayba elaeagnoides*)
- 44 Placa do ICMBio e limite da fazenda



## **Ka’aguy Regua: a relação dos Guarani com as matas da região**

a gente tá reocupando pra gente proteger, preservar. Às vezes os governos dizem assim dos indígenas: “eles estão retomando pra destruir”. E não é destruir [...] E eles dizem que os indígenas não produzem nada. Mas pelo meu entendimento a gente produz, nós estamos produzindo a floresta. Não são grandes plantações de transgênicos e essas coisas. A gente cuida do nosso território, da nossa floresta, do nosso **ka’aguy**, dos nossos animais que **nhanderu** deu pra gente cuidar e pra conviver com eles. E com eles que a gente sobrevive. A caça, a pesca, são da nossa cultura. Foram muitos anos assim e a gente nunca destruiu nossa caça, nunca destruiu nosso mato. Rivelino Vera Popygua

Os Guarani da **tekoa** Kuaray Haxa possuem um vasto conhecimento sobre as matas em que habitam. São milhares de espécies animais e vegetais que fazem parte do mundo guarani, estando presentes em sua cosmologia, na sua alimentação, no preparo de seus remédios e artesanatos.

Sendo assim, este trabalho não tem a pretensão de explicar tal relação em sua amplitude e profundidade, se limitando a exemplificar algumas dessas relações entre a comunidade e o meio que a circunda que puderam ser registradas através da realização de caminhadas pelo território, entrevistas e algumas atividades de reconhecimento de espécies a partir da exibição de imagens presentes em livros.

### **Fauna**

#### **Aves**

São inúmeras as espécies de pássaros presentes na região do estuário de Paranaguá que encontram ainda um bom lugar para viver em meio às matas onde hoje se localiza a **tekoa Kuaray Haxa**. Para que pudéssemos identificar pelo menos algumas das espécies mais marcantes para os Guarani da **tekoa** Kuaray Haxa, realizamos uma atividade com as imagens no livro *Brasil 500 pássaros*<sup>1</sup>, na qual os membros da comunidade nos apontaram os desenhos dos pássaros que costumam ver em seu território, nos indicando seus nomes em guarani (**Imagem 12**).

<sup>1</sup> ACCIOLY, A. M. R. (concepção e direção geral). **Brasil 500 Pássaros**. Eletronorte, 2000.



**Imagem 12.** Atividade realizada a partir das imagens do livro *Brasil 500 Pássaros*<sup>1</sup>



**Imagem 13.** Tukã (tucano-de-bico-verde) sobre o jeju (jussara) próximo à estrada de terra que corta a tekoa Kuaray Haxa



**Imagem 14.** Tangará (saíra-sete-cores) na região central da tekoa Kuaray Haxa

Foram identificados o **poipoi** (pica-pau), o **tukã** (tucano-de-bico-verde - *Ramphastos dicolorus*) (**Imagem 13**), o **pekumbé** (arapaçu - da família *Dendrocolaptidae*), o **mitã jaryi** (bem-te-vi), o **batovi**, **mbyju'i** (andorinha), **kyky'i** (tico-tico), **nambu** (inhambu), **parakau** (moleiro), **xingaxu xĩ** (anu-branco). Também foram identificados três tipos de sabiá (família *Turdidae*), sendo estes o laranjeira, o da mata e o una.

Além destas, algumas das aves identificadas também puderam ser encontradas durante as caminhadas realizadas por nós em conjunto com alguns dos membros da comunidade, como o **taguato pyju** (falcão-caburé, ponto **35**), o **jaku guaxu** (jacuaçu, ponto **36**), o surucuá de barriga amarela (ponto **19**) e o **aka'é** (gralha azul, ponto **41**).

Por fim, cabe ressaltar uma relação especial que a comunidade possui com os tangarás, pássaros pertencentes à família *Thraupidae*, que são muito presentes em toda a área da aldeia. Pois foi a partir de seus sonhos com essas aves que Elza Jaxuka soube identificar a aldeia Kuaray Haxa quando a família, guiada pelos **Nhanderu Kuery**, a procurava. Dentre esses, as espécies mais lembradas pelos membros da comunidade foram a do **tangara ruvixa** (tiê-sangue) e o saíra-sete-cores (**Imagem 14**).

**eu sonhei com todos esses passarinhos que tem aqui, como esses tangarazinhos, esses beija-flor que tem muitos aqui [...] E eu falei que lá nesse lugar que a gente ia, os primeiros que a gente ia ver iam ser esses passarinhos pra ter certeza que é lá. Elza Jaxuka**

#### Demais animais silvestres

Há uma grande variedade de animais silvestres na região da tekoa Kuaray Haxa e muitos deles compõem a alimentação tradicional dos Guarani. Contudo, a caça e a pesca dos indígenas são baseadas em práticas ligadas ao seu **nhandereko**, seu modo de vida tradicional, que garantem a preservação dessas espécies. Em nossas caminhadas, por exemplo, ao nos depararmos com uma trilha de **mboré** (anta, ponto **34**), o cacique Rivelino contou que certa vez censurou um dos vizinhos por ter tentado matar um desses animais. Ele também contou ter encontrado diversas vezes em suas andanças no mato o **jagua ka'aguy** (cachorro-do-mato) e questionou o que o ICMBio tem feito para cuidar dessa espécie que hoje se encontra muito ameaçada.

Também nos deparamos em nossas caminhadas com trilhas de **guaxu** (veado, ponto **09**) e **xinguire** (tatu, ponto **17**), espécies importantes na alimentação tradicional dos Guarani. Encontramos um ninho de **xi'y** (quati, ponto **23**) e rastros de **xivi para'i** (onça pintada, ponto **13**), espécie muito importante na cosmologia guarani e muito respeitada pelos indígenas da tekoa Kuaray Haxa, que nos contaram algumas histórias sobre os encontros com esses animais na região da aldeia e no seu entorno.

Em uma das trilhas aqui mapeadas também foi indicada uma área pantanosa em meio à mata, na qual há jacarés (ponto **31**). Além disso, localizamos colmeia de abelha **jatei ete** (jatai, ponto **26**), da qual os Guarani extraem o mel para a sua alimentação e para a confecção de velas usadas no **nhemongarai**, um de seus principais rituais.

## Flora

Sabe-se que os Guarani manejam centenas de espécies botânicas, usadas para sua alimentação, para a produção de remédios, para a confecção de artesanatos e instrumentos, assim como para a realização de seus rituais<sup>2</sup>. Ao longo das caminhadas realizadas em nosso trabalho, nos deparamos com diversas espécies vegetais presentes na região da tekoa Kuaray Haxa. Trataremos aqui, porém, apenas de algumas dessas, sobre as quais os Guarani teceram alguns comentários.

Com a casca do **yvata'y** (camboatá-branco, pontos **39 43**) os Guarani produzem um chá usado contra a tosse e a gastrite. Já da casca do **tembe tary** (mamica-de-porca, ponto **15**) produz-se um remédio para dor de dente, e seu tronco é comumente utilizado pelos Guarani para a produção de pequenas esculturas em forma de animais, objetos muito comuns em seu artesanato, que por sua vez também podem ser feitos com a madeira do **kurupika'y** (pau-leiteiro, ponto **14**, **Imagem 16**). Essa árvore também possui grande relevância cosmológica, uma vez que foi através dela que Kuaray, o Sol, produziu seu irmão Jaxy, o Lua.

Também são usadas para a confecção de artesanatos as sementes do **kuruguai guaxu** (olho-de-boi) e do **kapi'a** (lágrima-de-nossa-senhora) (**Imagem 17**), sendo que das folhas deste último também se produz um chá para limpeza da bexiga.

<sup>2</sup> Um bom estudo sobre o tema pode ser encontrado em “Ecologia histórica guarani: as plantas utilizadas no bioma mata atlântica do litoral sul de Santa Catarina, Brasil (parte 1)”. Cadernos Leeparq Vol. XIII, nº26, 2016.



**Imagem 15.** Árvore yvata'y (Camboatá, pontos **39 43**)



**Imagem 16.** Árvore kurupika'y (pau-leiteiro) encontrado na principal trilha da tekoa Kuaray Haxa



**Imagem 17.** Artesanato feito com kuruguai guaxu (olho-de-boi) e kapi'a (lágrima-de-nossa-senhora)



**Imagem 20.** Área com presença de árvores de pindo (jerivá) ao fundo



**Imagem 18.** Cipó d'água encontrado durante a trilha (pontos 18 21)



**Imagem 19.** Folhas e frutos de araticum mirí (ponto 36)

As folhas do **tamongue** (dormideira) são comumente usadas para auxiliar aqueles que estão com dificuldade para dormir. Já a raiz do **teju ka'a** (barba-de-são-pedro) é usada frequentemente como descongestionante e analgésico e, quando misturada ao **ka'i nhandy** (banha-de-mico), pode ser utilizada como remédio contra picada de cobra, sendo aplicado diretamente na ferida.

O cacique Vera e sua mulher, Jaxuka, falaram diversas vezes sobre o **pindo** (jerivá, ponto 39), que pode ser visto com grande frequência na região. Essa palmeira que está fortemente presente na cosmologia guarani é amplamente utilizada por esse povo. Seus frutos serviam como alimento em suas caminhadas e, para Vera e Jaxuka, os locais no entorno da aldeia onde se encontra o **pindo** são evidências de antigos aldeamentos dos Guarani que viveram na região.

**o Guarani ele tinha aquela mania. Achava o coquinho da palmeira, colocava no ajaka'i [cesto] e levava. Aquilo lá era alimento dele pra estrada com os filhos. Daí onde ele ia ele ia deixando a sementinha e ia nascendo pindo na estrada. Então por isso que aqui no litoral tem muito pindo. Que nem o jejy [palmito jussara]; também: onde eles iam cortavam, levavam, tiravam a frutinha pra ir comendo e ali iam deixando a semente. Elza Jaxuka**

O cipó d'água (pontos 18 21) é frequentemente utilizado pelos Guarani como fonte de hidratação quando realizam suas caminhadas na mata. Árvores encontradas durante a trilha, como o **jejy** (jussara, ponto 16), a **pakova** (bananeira, ponto 20), **yvyraa pytã** (pitangueira, ponto 24), o **araticum mirí** (ponto 36), assim como diversas outras espécies (ponto 22) que estão presentes em meio às matas próximas às aldeias guarani e em suas roças, também são importantes fontes de alimento para a comunidade.

## Perspectivas

Hoje a comunidade da **tekoa** Kuaray Haxa passa por grandes restrições em função dos conflitos vividos com o ICMBio e das dificuldades dos **jurua** para compreender o **nhandereko**, modo de vida guarani, pelo qual os indígenas estabelecem uma relação de cuidado e respeito com as matas em que vivem. Contudo, durante

as caminhadas pelo território utilizado pelos Guarani, foi possível observar algumas das expectativas da comunidade em relação ao espaço em que vive e os desejos que espera poder realizar naquela **tekoa**, enquanto luta para que esta seja demarcada pelo Estado.

Vera e Jaxuka diversas vezes enalteceram a beleza de sua aldeia, sua riqueza de fauna e flora. Por isso, ambos falaram de sua vontade de trazer mais parentes para morar lá, uma vez que muitos Guarani hoje vivem em áreas extremamente degradadas pela expansão das cidades e do agronegócio, sem que possam viver efetivamente o **nhandereko**. Assim, ao longo das caminhadas, eles apontaram locais mais planos em meio a clareiras que seriam ideais para que se fizessem novas casas e roças (pontos 22 25).

Além disso, os Guarani demonstraram uma grande vontade de aproveitar mais os potenciais para a pesca em seu território. Eles indicaram uma pequena área alagadiça próxima à região em que hoje se encontram as casas, na qual gostariam de fazer um tanque para o desenvolvimento da piscicultura (ponto 05). Em meio às trilhas no mato, eles indicaram alguns locais nas beiras dos rios que cruzam a mata na região (pontos 28 30 32) nos quais encontram-se alguns peixes como os **piky'i** (lambari) e **nhundi'a** (bagre).

**a gente pensa que se demarcar vai ser uma coisa melhor pra gente continuar, pra continuar vendo aquele verde em volta da gente, aquele mato. É verdade. A gente pode fazer as plantações da gente, plantar o que a gente come, o que a gente gosta de plantar. Mas não acabar assim com a mata, pra destruir, porque a gente precisa dela pro remédio, pra proteger a gente... Porque, se não fosse aquilo que a gente fez naquele ano passado, protegendo a natureza, conversando com a natureza, respeitando a natureza, pra ela respeitar a gente naquele outro ano que viesse, era capaz de já acabar. Elza Jaxuka**

Por fim, diversas vezes os Guarani expressaram sua vontade de trabalhar junto com o ICMBio nas atividades de proteção territorial. Eles apontaram diversas preocupações que têm hoje com a preservação da fauna e da flora presentes na Reserva Biológica Bom Jesus, e nos mostraram como suas caminhadas cotidianas



**Imagem 21.** Karai Tataendy, filho do cacique Vera Rivelino, vendendo artesanatos na entrada da aldeia

na mata inibiram as atividades predatórias de caça e da extração de palmito na região. Dessa forma, a comunidade da **tekoa** Kuaray Haxa espera que o Estado reconheça seu **nhandereko** como um modo de vida compatível com a preservação do meio ambiente, e que trate os Guarani como parceiros na proteção de seu território tradicional.

**Imagem 22.** Local da principal trilha da **tekoa** Kuaray Haxa, com grande presença de palmito pupunha (ponto [27](#))



# Ojejapo Tekoarã

## Etnomapeamento da tekoa Kuaray Haxa

### Levantamento de campo

Lucas Keese  
Marcelo Hotimsky  
Comunidade da tekoa Kuaray Haxa

### Fotografia

Lucas Keese

### Organização e edição final

Lucas Keese  
Marcelo Hotimsky

### Revisão

Carlos Tadeu Breda Junior

### Edição de mapas e projeto gráfico

Bruna Keese

### Consultoria

Karatinga

### Projeto

Gestão Ambiental e Territorial em Terras Indígenas do Povo Guarani no Sul e no Sudeste do Brasil

### Realização

Centro de Trabalho Indigenista  
Comissão Guarani Yvyrupa (CGY)

### Apoio

Programa Institutional Skills do Newton Fund

### Colaboração

Embaixada Real da Noruega Programa de Apoio aos Povos Indígenas (PAPIN)

Junho de 2017

### Realização



### Apoio



### Colaboração



fonte Univers

papel Eurobulk 170g/m<sup>2</sup>

tiragem 400 exemplares

impressão Ipsis

